

A apropriação do gênero resenha acadêmica: uma análise a partir de dados processuais.

Anne Carolline Dias Rocha Prado^{1*}, Márcia Helena de Melo Pereira².

1. Estudante de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB; *annee_carollinee@hotmail.com
2. Professora do Programa de Pós Graduação em Linguística e do Departamento de Estudos Linguísticos, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Palavras Chave: *gênero, resenha, processo textual.*

Introdução

Este trabalho tem como proposta olhar para a produção escrita como resultado de um trabalho de construção, operado em uma dimensão temporal que inclui esboços, plano do texto, composição, até chegar às correções finais. Em pesquisas anteriores, colhemos um vasto material revelador do processo de construção de uma resenha acadêmica. Dois alunos universitários escreveram uma resenha, conjuntamente, para que pudessem registrar a conversa mantida entre eles a respeito do texto que estavam produzindo. Essa conversa, juntamente com uma entrevista posterior que fizemos com a dupla, questionando-a a respeito das operações de reescrita que realizaram, constituíram nossos dados processuais. Neste trabalho, procuramos elucidar, por meio desses dados, as etapas do processo de escrita desse texto com base no esquema de escritura proposto por Flower e Hayers (1981). O modelo proposto pelos autores descreve detalhadamente as diferentes operações intelectuais que realiza um escrevente para elaborar um texto. Ele constitui-se de três grandes unidades: a situação de comunicação, a memória de longo prazo do escritor e os processos de escritura. A situação de comunicação inclui todos os elementos externos do escrevente, como o problema retórico que se lhe apresenta (o tema, a audiência, etc.); as duas outras unidades, ao contrário, ocorrem no escrevente, em seu cérebro. A memória de longo prazo armazena todos os conhecimentos sobre o tema do texto, sobre os interlocutores, sobre os gêneros que o escrevente pode escolher para, por meio deles, enunciar; os processos de escritura são formados, especificamente, pelos processos básicos de planejar, redigir e examinar. Além desse modelo de escritura, recorremos também à crítica genética, uma área da literatura que dá ao texto a perspectiva de processo. Seu arcabouço metodológico ajudou-nos a decifrar as etapas do processo da resenha que analisamos.

Resultados e Discussão

Vejamos, então, o que os nossos dados revelaram sobre cada uma das etapas do modelo de escritura proposto por Flower e Hayers (1981).

1. Situação de comunicação

Produção de uma resenha sobre o curta metragem *Vida Maria*;
Atividade realizada em dupla;
A produção foi feita exclusivamente para a pesquisa;
Todo momento da produção foi registrado em áudio.

2. Os processos de escritura

2.1 Planejamento

2.1.1 Gerar ideias

M: Bom, primeiro a gente tem que... Como a gente é de computação, primeiro a gente tem que analisar a arte gráfica.

2.1.2 Organizar ideias

M: A gente podia ir dividindo por partes, tipo, o início do filme, a gente comenta...
ML: Mas tem que contar o, a história toda.

2.1.3 Formular objetivos

ML: Não. Vamo colocar, assim, umas coisas, assim, bem triste, sabe? Umas caráter... Uns adjetivos bem tristes, assim: a história trágica...
M: Dolorosa?
ML: A dolorosa história... Assim, sabe? Pra pessoa já assistir o filme, emocionada. Começar o filme, já assistindo emocionada... Já pra esperar...

2.2 Redigir

ML: Oxe! Que Isso? Escreve direito, rapaz, joga aí sua ideia, joga aí, se não der certo, a gente rabisca.

2.3 Examinar

M: Então esse pedaço ficou bom. Que... Não tem o 'que' aqui não. Ai, meu Deus do céu.
ML: Calma, calma. (Lê o parágrafo) Que, vírgula?
M: Tem que ter o 'que' mesmo?
ML: Calma. (Lê a frase) Tem 'que'. Agora, eu não sei se tem que ter essa vírgula aqui ou não.

3. Memória de longo prazo

M: Na introdução. O que que se faz na introdução de resenha?
ML: Fala sobre a obra.

Conclusões

Nossas análises comprovaram que a produção escrita não é fruto de um momento de inspiração; ao contrário, é resultado de um trabalho constante. Vimos que os nossos sujeitos trabalharam com a língua em um processo de escolhas, conforme a situação de comunicação que estavam inseridos. Nossos dados também revelaram que o processo de escritura não é linear. As etapas de produção foram ordenadas e organizadas pela dupla de acordo com os objetivos pretendidos. Além disso, essas etapas aconteceram mais de uma vez em vários momentos da composição.

Agradecimentos

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bem como a Gerência de Pesquisa e Inovação da instituição, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
FLOWER, L; HAYES, J. R. *A cognitive process theory of writing*. In: College Composition and Communication, v. 32, p. 365-387, 1981.
MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
SALLES, C.A. *Crítica Genética: Uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.